

GEOGRAFIAS NEGRAS EM AÇÃO: AÇÕES POLÍTICAS INSURGENTES DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS DO RIO DE JANEIRO

Ana Beatriz da Silva ¹

Orientador: Prof. Dr. Valter Carmo Cruz ²

RESUMO

O presente texto tem como objetivo analisar espacialmente práticas pedagógicas insurgentes realizada por duas organizações de mulheres negras do Rio de Janeiro sendo elas; “Coisa de Mulher” e “CRIOLA (espaços não formais de aprendizagens) considerando tais práticas, como ações políticas emancipadoras e decolonial no que tange à luta antirracista e antissexista no campo das relações étnico-raciais e de gênero na educação e no ensino da geografia. O intuito foi identificar experiências constitutivas destas práticas espaciais enegrecidas tendo como escopo os achados das políticas de escalas do Movimento social de Mulheres Negras por meio do FEMNegras/RJ, onde, estas organizações são referências e lideradas por intelectuais orgânicas que se constituíram no Brasil em torno de uma agenda propositiva visando combater preconceitos e discriminações vigentes no Estado brasileiro. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, fundamentada na observação participante e a investigação sustenta-se nos referenciais das Geografias Negras e da investigação militante, que articulam engajamento político, vivência territorial e produção teórica destas mulheres negras organizadas coletivamente. A pesquisadora assume uma posição situada, estabelecendo com as sujeitas das organizações de mulheres negras, relações construídas por meio de conversas-militantes, baseadas na escuta sensível e *sentipensante*.

Palavras-chave: Geografias Negras, Práticas espaciais enegrecidas, Movimento de Mulheres Negras, Espaços não formais de aprendizagens (ONG's), Lutas políticas.

ABSTRACT

This text aims to spatially analyze insurgent pedagogical practices carried out by two black women's organizations in Rio de Janeiro, namely; "Coisa de Mulher" and "CRIOLA" (non-formal learning spaces) are considered as emancipatory and decolonial political actions in the context of anti-racist and anti-sexist struggles within the field of ethnic-racial and gender relations in education and geography teaching. The aim was to identify constitutive experiences of these Blackened spatial practices, focusing on the findings of the scaling policies of the Black Women's Social Movement through FEMNegras/RJ, where these organizations are references and led by organic intellectuals who have formed in Brazil around a proactive agenda aimed at combating prejudices and discrimination prevalent in the Brazilian State. The methodological approach adopted is qualitative, based on participant observation, and the investigation is grounded in the frameworks of Black Geographies and militant research, which articulate political engagement, territorial experience, and theoretical production of these collectively organized Black women. The researcher assumes a situated position, establishing relationships with the subjects of Black women's organizations, relationships built by through militant conversations, based on sensitive listening and thoughtful feeling.

Keywords: Black Geographies, Blackened Spatial Practices, Black Women's Movement, Non-formal Learning Spaces, Political Struggles.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense-UFF, an_silva@id.uff.br;

² Prof.Doutor do Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense-UFF, valtercruz@id.uff.br;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado parcial da pesquisa em andamento de doutorado em Geografia que foi inicialmente discutida no meu mestrado (SILVA,2018), onde analisei espacialmente duas entidades que fazem parte do Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro que são as Organizações de Mulheres Negras-ONG's (CRIOLA e Coisa de Mulher/Casa das Pretas³). As duas instituições fazem parte do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro e foram **“objetos”** de análises espaciais, por meio de suas práticas pedagógicas insurgentes realizada por elas em seus espaços não formais de aprendizagens e fora deles, considerando que tais práticas, são ações políticas insurgentes, emancipadoras e decolonial no que tange à luta antirracista e antissexista no campo das relações étnico-raciais e de gênero e no ensino da geografia.

Neste contexto, o avanço desta pesquisa se dá no campo de estudo das Geografias Negras, a partir da sua configuração socioespacial das ações políticas, organizacionais, reivindicatórias e sociais das mulheres negras organizadas politicamente do Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro em que são ancoradas em práticas espaciais (SOUZA,2013,p.61) enegrecidas e interseccionais. A partir do que acreditamos ser um espaço vocacionado em construir conhecimentos geográficos através de seus repertórios de lutas políticas sociais, raciais e de gênero de maneira coletiva no espaço-tempo e em diferentes momentos históricos e geográficos da cidade, devido, demandas espacializadas de cunho social, político, econômico, racial e cultural, ocasionando assim, intervenções, disputas simbólicas e políticas que afetam positivamente a base da sociedade.

As práticas espaciais enegrecidas, conforme propõe Souza (2013), articulam gênero, raça, classe, sexualidade, idade e outras intersecções, compondo o campo tático e simbólico do Movimento Social de Mulheres Negras do Brasil. A partir do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, essas práticas sempre estiveram em sintonia com a interseccionalidade — mesmo antes de a categoria ser cunhada por Kimberlé Crenshaw em 1989. Entendemos, portanto, que essas organizações são forjadas por lideranças femininas negras, ativistas, intelectuais orgânicas oriundas de distintas frentes e fóruns de lutas políticas e sociais e fazem parte do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro consolidado

³As ONG's Coisa de Mulher/Casa das Pretas e CRIOLA – São organizações de Mulheres Negras situadas no Rio de Janeiro desde da década de 90 e são organizações referências não só no seu estado como no Brasil e internacionalmente. Assumimos a escrita em letras maiúsculas para dar visibilidade ao nome da instituição, de forma positiva e de fortalecimento de sua identidade.

no campo do movimento social da cidade que dinamiza agendas de proposições políticas públicas e enfrentamentos ao combate do racismo e ao sexismo instaurado nesta sociedade moderna em colonialidade.

Notadamente, “as ativistas ampliam suas formas de intervenção garantindo novos espaços de provocação de temas invisibilizados, inclusive do que significa o seu acúmulo nas esferas em que se constrói sua luta antirracista” (SILVA,2018, p.14). As práticas espaciais enegrecidas, conforme propõe Souza (2013), articulam gênero, raça, classe, sexualidade, idade e outras intersecções, compondo o campo táctico e simbólico do Movimento Social de Mulheres Negras do Brasil. A partir do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, essas práticas sempre estiveram em sintonia com a interseccionalidade — mesmo antes de a categoria ser cunhada por Kimberlé Crenshaw em 1989.

Desse modo, entender a relevância da trajetória social e política construída deste Movimento social de Mulheres negras, que é heterogêneo e espacializado por todo Brasil em formatos diversos como por ex em: fóruns, ONG’s, grupos, coletivos, coletivas, instituições, entidades de mulheres negras organizadas que tensionam e remontam a população, através das suas lutas políticas produzindo espacialidades contra todas as formas de opressões, racismo, sexismo e violências do Estado brasileiro. Nesta perspectiva Rodrigues (2006), nos aponta que:

Com o surgimento do Movimento de Mulheres Negras, em alguns estados, começaram a aparecer os fóruns estaduais de mulheres negras que, por sua vez, passaram a realizar seminários voltados à delimitação da agenda do movimento e à exigência de políticas públicas para a população negra a nível estadual. (RODRIGUES,2006, p.76).

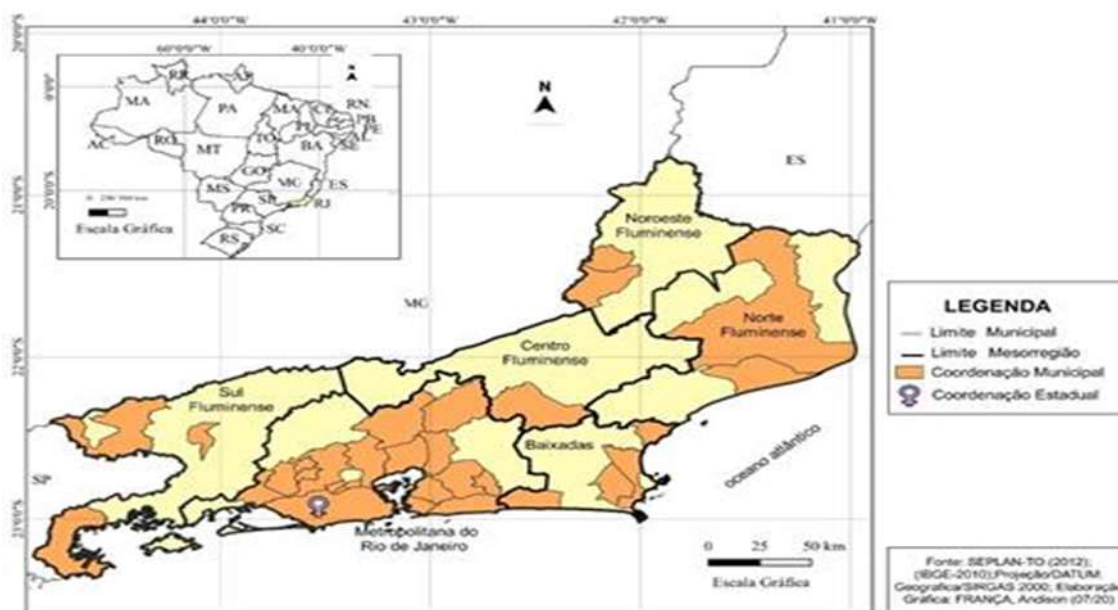
Assim, o surgimento dos fóruns, como o do Rio de Janeiro, o FEMNegras, vai provocar e exigir de suas frentes de lutas, reparações na proposição de um novo pacto civilizatório para população negra, mas, cabe frisarmos, que não é de agora que as mulheres negras organizadas, se articulam para construir grandes proposições políticas visando o “*bem viver*” para a população negra (pretos e pardos⁴). É a partir desse legado que reconhecemos o FEMNegras como um **espaço seguro**, como afirma Patricia Hill Collins (2021, p.124) “um lugar de liberdade de pensamento, de escuta ativa, de conscientização, de acolhimento e de elaboração coletiva” (COLLINS,2021,p.124)

⁴ Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) as pessoas pretas e pardas são consideradas negras no Brasil.



O FEMNegras é também um território de socialização política, produção de subjetividades insurgentes. Seu modo de organização territorial, por meio de coordenações municipais e estaduais espalhadas pelo Rio de Janeiro, nos permite visualizar sua atuação geograficamente situada e estrategicamente articulada — como se verá a seguir na figura apresentada.

Figura1– Coordenação Municipais e Estadual do Fórum Estadual de Mulheres Negras-FEMNegras/RJ



Fonte: Elaborado por SEPLAN-TO em 2020.

Entendemos, que “o nosso movimento não é um movimento epidérmico; o nosso movimento é um movimento político”(GONZALEZ, 1985, p.225), nos afirmava a filósofa e ativista do Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro Lélia Gonzalez. A autora nos provocava e apontava que era preciso que devíamos enegrecer tais fatos e compreender a escala geográfica inserida do Movimento de Mulheres Negras no seu contexto espacial para distinguimos tal “fenômeno e sua extensão espacial, independente do ator [*sujeita*]responsável por eles/as, considerando que este é o problema central” (CASTRO, 2014,p.88), desse modo, concebemos que quem o protagoniza somos nós e que o movimento se configura relevante e pertinente em nosso trabalho.

METODOLOGIA

As questões metodológicas adotadas neste trabalho se dão por uma abordagem de cunho qualitativa, que nos deslocou para alguns estágios investigativos desenvolvidos e concluídos com profunda atenção, estruturação e de importância essencial para entendimento dele. Avançando nesse pensamento, Geny Guimarães (2020) afirma que método e metodologias em pesquisas de Geografias Negras, a qual me proponho a refletir espacialmente neste trabalho, podem não ser simples e muito menos sem rigor acadêmico, como a tradicional ciência geográfica nos impõe, porém, tal ciência, vem sendo repensada por “corpos políticos racializados” e interseccionados.

Sob essa orientação, os procedimentos metodológicos foram realinhados, a partir dos levantamentos e revisões bibliográficas, observação participante(participando) com entrevista semiestruturada que chamamos de “conversas militantes” com quatro (4) mulheres negras lideranças/representantes (sujeitas/ativistas das ong’s e que fazem parte do FEMNegras).

Os caminhos metodológicos foram construídos desde dentro, em diálogo com autoras como Guimarães (2020), Haraway (1995), Collins (2000) e Almeida (2022), que propõem uma ciência situada, corporificada, comprometida e racializada. Como destaca Haraway, trata-se de produzir um conhecimento “parcial, posicionado e responsável”.

Neste processo de diálogo, escuta sensível, sentipensante foram acrescentando as proximidades e miudezas das informações secundárias em relação ao Movimento de Mulheres Negras que acreditamos ser primordiais nas análises e interpretações para este trabalho. A partir do trabalho de campo vivenciado em lócus e de contato direto com o fenômeno observado para se obter informações sobre as práticas pedagógicas e ações políticas insurgentes realizadas pelas lideranças representativas das organizações de mulheres negras “Coisa de Mulher” (hoje Casa das Pretas e “CRIOLA”) pelo FEMNegras/RJ.

A fim de construir narrativas outras e insurgentes acerca desse movimento . Compreendemos que a configuração organizativa do Fórum Estadual de Mulheres Negras, o crescimento político e a visibilidade do FEMNegras decorrem de suas ações, articulações, mobilizações, agendas e estratégias organizativas em múltiplas escalas de atuação e dinâmicas socioespaciais. Esse processo se intensifica especialmente após a realização da 1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras, em 2015 em Brasília e na própria cidade do Rio de Janeiro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se ancora nas Geografias Negra e Geo-grafias das ações advindas das mulheres negras organizadas politicamente sob a dimensão racial do espaço (GUIMARAES,2015; 2020), mesmo compreendendo que o “movimento”, mesmo na física, é mudança de posição, e que a constituição de lutas dos movimentos sociais era, e [é] “uma rejeição à posição de subalternização imposta a tais sujeitos/as” (Santos, 2024, p,23). Considerando que o espaço é também um produto das relações sociais racializadas, a partir das “políticas de escala” (Santos, 2011) e da interseccionalidade como metodologia e ferramenta analítica das mulheres negras (Collins,2019; Crenshaw, 2002; Akotirene,2019) organizadas politicamente na cidade do Rio de Janeiro.

As ações políticas insurgentes do FEMNegras e seus desdobramentos estão inseridos em campos de disputa por projetos distintos de sociedade, protagonizados por movimentos sociais e seus antagonistas, que disputam sentidos e formas de exercício do poder, operando por meio das políticas de escalas políticas de escala. Nessa disputa, as ações coletivas das mulheres negras organizadas das ong's— movidas pela ausência ou negação de direitos, pelas múltiplas opressões interseccionais e pela violência estrutural — podem e devem ser compreendidas como práticas de defesa, proteção, reparação e solidariedade. São ações que mobilizam uma consciência coletiva e constroem, na ação, uma identidade coletiva forjada tanto pela aproximação quanto pela alteridade, como destaca Sueli Carneiro (1995).

As principais chaves teóricas foram extraídas de campos como:

- **Interseccionalidade** (Crenshaw, Collins, Akotirene, Gonzalez, Silva);
- **Movimento de Mulheres Negras** (Carneiro, Gonzalez, Werneck, Figueiredo, Lemos, Moreira, Cardoso, Rodrigues);
- **Movimentos sociais** (Alvarez, Gonçalves, Santos, Cruz);
- **Escala** (Santos, Grandhi, Castro);
- **Geografias negras e práticas espaciais enegrecidas** (Guimarães, Mckttrick, Souza).

Este mergulho teórico nos permitiu formular nosso trabalho e compreender a produção científica existente sobre o tema, reconhecendo ao mesmo tempo a necessidade de abordagens interdisciplinares e plurais para compreender as espacialidades do movimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2015 e 2019 no estado do Rio de Janeiro as mulheres negras lideranças/representativas das ONG's Coisa de Mulher e CRIOLA, juntamente com o FEMNegras lideraram e articularam as Marchas das Mulheres Negras na Avenida Atlântica (local da marcha) no bairro de Copacabana no RJ, lutando com suas bandeiras, guiadas por eixos de lutas como “Parem de nos Matar”, “Mulheres Negras resistem”, “Juventude Negra Viva”; entre outras centenas de frases, faixas e cartazes, que se corporificam em cada ação coletiva utilizada pelo movimento social de mulheres negras na cidade.

A partir das marchas estaduais realizadas na cidade do Rio de Janeiro desde 2015, os ganhos políticos e a visibilização das ações políticas insurgentes do FEMNegras aumentaram de forma significativa e contínua. Houve um crescimento nas participações tanto de entidades quanto de mulheres negras sem vínculo institucional, ampliando a capilaridade política e civil do movimento. Essa ampliação provocou novos debates, articulações e forças políticas voltadas à atuação nos territórios fluminense e nacionalmente. Trata-se de um processo gestado e impulsionado desde dentro (Guimarães, 2015; 2020), das mulheres negras das ong's conduzido por um contingente feminino enegrecido que se move em direção às urgências de seu tempo, constituindo-se como “referência material e simbólica de vida, de identidade e resistência” (Cruz, 2014, p. 37).

Desse modo, construindo “políticas de escala em seu uso no/do território” (Santos, 2015, p. 75) por anos elas, realizam articulações regionais com variados coletivos, grupos, entidades, fóruns, instituições e organizações de mulheres negras de vários municípios do Estado e com mulheres negras sem nenhum vínculo institucional nenhum em movimento social. O número, ou melhor o quantitativo de pessoas participantes destas ações políticas foi aumentando gradativamente de 2.000 a 15.000 mil pessoas nas marchas, sendo consideravelmente relevante, segundo dados oficiais da Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro, nos mostrando a força política das mobilizações em outras escalas analíticas de ações e agendas políticas, reivindicativas para articulações de lutas e transformações políticas, sociais, raciais, culturais e econômicas da cidade.

O FEMNegras/RJ é um movimento coletivo e em rede, que se junta a outros coletivos e organizações de mulheres negras com representação no Brasil, e lideraram a organização da 1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras em 2015, em Brasília-DF que tinha como temas "Contra o racismo e a violência e pelo bem-viver". Esta marcha foi um marco simbólico e material dessa agenda de lutas, que operou como catalisadora de um processo de mobilização e articulação em

rede que extrapola os limites territoriais convencionais e reconfigura as possibilidades de atuação política das mulheres negras organizadas em múltiplas escalas.

Sem dúvida as marchas, demonstram a grande capacidade de articulação e força do Movimento de Mulheres Negras do Brasil sejam qual for as escalaridades situadas e acionadas por elas e entendemos como uma territorialização das lutas sociais e políticas em “busca de avanços das políticas públicas para a população negra visando à melhoria da qualidade de vida e lhes garantindo direitos sociais, econômicos e políticos” (Werneck, 2006, p.89).

De modo, que reconhecemos que tais práticas espaciais enegrecidas organizadas pelo FEMNegras/RJ, mobilizada por ações políticas coletivas nesse espaço-tempo “são marcadas por um caráter de articulação de categorias políticas de raça, gênero, classe e sexualidade, enquanto resposta ao sistema de dominação que tem impactado mulheres negras” (Santos, 2017, p.36) confirmando que a “experiência vivida em nosso cotidiano, é espacial e articulada a nossa imaginação geográfica” (Silva & Silva, 2014, p.63).

As formas de ações políticas insurgentes do Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro quiçá do Brasil, nos “revelam como o habitar do mundo está vinculada a uma história da geografia humana que, além de refletir as desigualdades presentes, também abre caminhos para uma reespacialização possível e imaginável” (Mckttrick, 2006, p.48). Além disso, às ações pela mobilização com a participação de ativistas negras que sempre desenvolveram práticas espaciais enegrecidas sob diversas escalas de atuações, sejam elas locais, municipais, estaduais, nacionais ou até transnacionais.

Desta forma, entendemos que, também, são nos espaços educativos não-formais de aprendizagens, as Organizações de Mulheres Negras se forjam como proponentes de “outras educações” e práticas pedagógicas insurgente conforme enfatizam Elizabeth Castillo Guzmán e José Antonio Caecedo Ortiz (2010). Esse tipo de perspectiva possibilita que se formulem abordagens contra hegemônicas e antirracistas para os diversos currículos praticados na educação sobretudo no ensino da Geografia, sobretudo no que tange aos movimentos sociais, movimentos urbanos e rurais, o espaço da cidade e os sujeitos e sujeitas destes processos.

Isso implica o que Doreen Massey, nos aponta sobre o reconhecimento de outros sujeitos/as e de outras histórias no espaço, onde “o pleno entendimento da espacialidade envolve o reconhecimento de que há mais de uma história se passando no mundo e que essas histórias, tem pelo menos, uma relativa autonomia” (Massey, 2005, p.65). Verificamos, portanto, as ações políticas das mulheres negras organizadas, são atravessadas por dimensões simbólicas e materiais, sendo expressão de epistemologias construídas na luta.

O FEMNegras emerge como um território político de produção de conhecimento e disputa de sentidos, onde intelectuais orgânicas formulam diagnósticos, estratégias e alternativas frente às desigualdades estruturais. Tais práticas revelam uma capacidade de intervir sobre o espaço a partir de um olhar interseccional e coletivo, que transforma o cotidiano em arena de ação política insurgente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro por meio das organizações de Mulheres Negras participantes do FEMNegras, ao articular agendas reivindicativas para a população negra, com atuação dos corpos femininos negros no espaço em uma lógica de r-existência, que desloca os marcos tradicionais das ações políticas e propõem outras possibilidades de engajamento geográfico e epistemológico no campo disputas de poder. De forma, que refletir sobre essas lutas sociais e políticas significa também reconhecer sua longa duração histórica. As mulheres negras — enquanto grupo social historicamente atravessado por múltiplas formas de opressão — mobilizam repertórios diversos de reivindicação e resistência, em defesa de seus modos de existência, de sua vida e de sua r-existência. Suas pautas, suas vozes e seus corpos desafiam as estruturas do racismo e do sexismo, especialmente a partir de uma perspectiva gênero-racial que reivindica o “bem viver” como horizonte emancipatório diante das desigualdades e exclusões sistemáticas vividas cotidianamente no Brasil. Como afirma Werneck (2005,pg.25), “as mulheres negras são agentes históricos e políticos que, desde a diáspora africana, recorreram e recorrem a “diferentes repertórios ou pressupostos de (auto)identificação ou de identidade e de organização políticas”.

As práticas espaciais enegrecidas protagonizadas por essas mulheres revelam que não é apenas uma crítica ao racismo e ao sexismo, mas também a proposição de mundos possíveis ancorados em valores como o “*bem viver*”, a reparação, o cuidado e em uma Geografia Negra da ação formulada e centrada pelas mulheres negras organizadas politicamente das ong’s de mulheres negras também, nesta construção social e política dos movimentos sociais. Sendo assim, afirmamos que o Movimento de Mulheres Negras é um agente produtor do espaço, provocador de políticas públicas para a população negra, desafiando as estruturas racistas e patriarcais da sociedade moderna em colonialidade, nos convocando a repensar as espacialidades negras formadas por elas, a partir de outras epistemes, outras estéticas corpóreas, e outros modos de estar no mundo.

Por fim, a atuação do FEMNegras/RJ revela uma dinâmica multiescalar: organizada em grande parte dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, produzindo uma espacialidade insurgente no campo da luta por justiça social e racial reafirmando o compromisso ético-político de conhecimentos advindos de diálogos com o movimento social.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** RIBEIRO, D. (org). Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2018.

ALMEIDA, Mariléia. **Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas.** Editora Elefante, 2022.

ALVAREZ, Sonia E. 'Vem Marchar com a Gente'/Come March with Us. **Meridians**, v. 14, n. 1, p. 70-75, 2016.

BARTHOLL, Timo. **Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta.** Ciclo I (saberes, territórios, movimentos). Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

BORDA, Orlando Fals. **Uma sociologia sentipensante para a América Latina. Séc. XXI: México e CLACSO: Buenos Aires.** 2015.

CAMPOS, Andreilino. Movimento em estruturas "socioespaciais": em busca dos sujeitos subalternos. In: SILVA, Cátia Antônia, MODESTO, Nilo Sergio D'avila. (Orgs.). **Por uma geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço.** Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 47-66.

_____. As particularidades da escala de ação do Movimento Negro: algumas Considerações sobre a formação do sujeito In: **Revista Geografares**, nº9, p 29-48, jul./dez., 2011.

CARDOSO, Cláudia P. Amefricanidade: Proposta feminista negra de organização política e transformação social. In: **Lasa Forum**. 2019. p. 44-49.

_____. A construção da identidade feminista negra: experiência de mulheres negras brasileiras. **FAZENDO GÊNERO**, v. 10, 2013.

_____. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras.** 2012. 383 f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo). PPGNEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CASTRO, Iná Elias de. **Escala e pesquisa na geografia. Problema ou solução?** Espaço Aberto, v. 4, n. 1, p. 87-100, 2014.

CARNEIRO, Sueli. "Identidade feminina". In: "Mulher Negra". **Cadernos IV da série Caderno Geledés.** São Paulo, edição comemorativa do 23º aniversário do Geledés Instituto da Mulher Negra:9-12, 1989.

_____. Gênero raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544-544, 1995.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, p. 117-133, 2003.

_____. A experiência do Geledés: SOS Racismo na tutela dos direitos de cidadania da população negra. **Estratégias e políticas de combate ao racismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, p. 133-145, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e organização espacial (Vol. 1). São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. et al. O espaço urbano. Ática, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 1, 2002. p. 171-188.

_____. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum: feminism in the law - theory, practice and criticism**, Chicago, p. 139-167, 1989.

_____. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Califórnia, n.6, p. 1.241-1.299, 1991.

_____. Intersectionality: The double bind of race and gender. **Perspectives Magazine**, v. 2, n. 1, p. 62-87, 2004.

COLLINS, Patrícia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

CRUZ, Valter. C. **Movimentos sociais, identidades coletivas e lutas pelo direito ao território na Amazônia**. In: Onildo Araújo da Silva; Edinuzia Moreia Carneiro Santos; Agripino Souza Coelho Neto. (Org.). **Identidade, Território e Resistência**. 1.ed., Rio de Janeiro: Consequência, v. 1, 2014, p. 37-72.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, p. 1080-1099, 2018.

_____. **A Marcha das Mulheres Negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**, v. 2, Editora Autenticaa.2018.

GONZALEZ, Lélia. Homenagem a Luiz Gama e Abdias do Nascimento. 1985. In. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____.; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982

GRANDI, Matheus S. Problematizações contemporâneas sobre a escalaridade: forma, natureza e organização das escalas geográficas. **GEOgraphia**, v. 23, n. 50, 2021.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. Tese de Doutorado. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Federal da Bahia–UFBA, Salvador, 2015.

_____. **Geo-grafias Negras e Geografias Negras**. Revista da ABPN, v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras” abril de 2020, p. 292-31.

GUZMÁN, Elizabeth Castillo & ORTIZ, José Antonio Caicedo. **Las luchas por otras educaciones em el Bicentenario: de la Iglesia docente hasta las educaciones étnicas**. Revista Nomadas, 2010. pp. 109-127 out, n.33.

LEMOES, Rosália. **Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras 2015: Uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas públicas**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social (UFF).

_____. **Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. 1997**. 1997. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MASSEY, Dorren. O sentido global do lugar. In: ARANTES, A. (Org). **Espaço da diferença**. Campinas/SP: Papirus, 2005.

MCKITTRICK, K. **Demonic Grounds: Black women and the cartographies of struggle**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2006.

MELLUCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais?** Lua Nova, n.17, 2001.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projeto globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, p. 83-91, 2009.

RODRIGUES, Cristiano Santos. **As fronteiras entre a raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do Movimento de Mulheres Negras**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS, Milton. As exclusões da globalização: pobres e negros. **Thoth**, n. 4, p. 147-160, 1998.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SANTOS, Renato Emerson. Escalas da Ação Política e Movimentos Sociais: O caso do Movimento Negro Brasileiro e a Emergência de Políticas Educacionais de Combate ao Racismo. **GEOgraphia**. ano 17, n. 33, 2015.

_____. Movimentos sociais e geografia: sobre a(s) espacialidade(s) da ação social. Rio de Janeiro: **Consequência**, 2011.

_____. **Carlos Walter Porto-Gonçalves, presente! A geografia descolonial de um intelectual de abya yala**. Revista Tamoios, v. 20, n. 2, p. 55-65, 2024.

SILVA, Ana Beatriz da. **Coisa de mulher” e “Criola”: um estudo sobre aprendizagens decoloniais em ONGs de mulheres negras. 2018.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, M., & SILVA, J. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014, p. 333-354.

SOUZA, Lorena Francisco de. **Mulher Negra, Espacialidade e Representações: Dimensões raciais e de gênero na ciência geográfica.**: II Colóquio Nacional do NEER: Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações, 2007.Salvador. Anaiseletrônicos.p. 1-15. Salvador: 2007. Disponível em:<http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/autor_1.html>. Acesso em: 25 de abril de 2023.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WERNECK. Jurema. **Incorporação das dimensões de gênero e de igualdade racial e étnica nas ações de combate à pobreza e à desigualdade: a visão da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras.** Rio de janeiro: AMNB, 2006.

_____. **De Ialodês y feministas: reflexões sobre la acción política de las mujeres negras en América Latina y el Caribe.** Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe. Nouvelles Questions Féministes, v. 24, n. 2, p. 24-40, 2005a.

_____. **Inclusão racial e gênero: desafio ou pressuposto da política pública?** A Abong na 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Cadernos Abong, n. 32, 2005b

_____. **Racismo institucional e saúde da população negra.** Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, 2016, p.535-549.